

CTI - Centro de Trabalho Indigenista

O CTI é uma entidade da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1979. Tem como proposta contribuir para que os Povos Indígenas assumam o controle efetivo de seus territórios, esclarecendo-lhes sobre o papel do Estado na proteção e garantia de seus direitos constitucionais. Atua em Terras Indígenas inseridas nos Biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica.



CTI
Centro de Trabalho Indigenista

Realização

SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA
UFG/UFMA/UFT/MEC - SECADI



CENTRO
TIMBIRA
DE ENSINO
E PESQUISA
PĒNXWXJ
HĒMPEIXA



FUNAI



NEAI
Núcleo de Estudos e Ações Indígenas / UFT



Associação Wily Gaté dos Povos Timbira



UFMA
Universidade Federal do Maranhão



UFT
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS



FNE
Fundo Nacional
de Desenvolvimento
da Educação



UFG



EMBAIXADA DA NORUEGA



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Nhêp Hã Mẽ Ujarênh

História do homem morcego

Nhêp Hã Mẽ Ujarê Nh História do homem morcego

Série Oralidade

Este é o sétimo volume de uma nova coleção: a Série Oralidade. A proposta é compactuar a familiaridade e o manuseio de livros como suporte para o saber tradicional; a percepção de que existem outras linguagens para transmitir informações e conhecimentos; o reforço do uso da língua indígena falada e do modo próprio do contar uma história, que não pode ser reproduzido na escrita.

Uma das questões mais prementes nas estratégias pensadas para o fortalecimento das línguas indígenas é criar novas práticas que possam fazer frente, deliberadamente, à perda de espaços para a língua portuguesa. Assim ao necessário e reivindicado letramento em língua portuguesa foi contraposto a criação da escrita das línguas indígenas e a consequente produção de material bilíngue, como forma de se garantir para a língua indígena, funções e usos sociais relevantes e prestigiados pela sociedade nacional.

Entretanto, esta estratégia de resistência da língua indígena às pressões da língua majoritária deve vir acompanhada de um conjunto de outros cuidados que garantam aquilo que é vital para a continuidade dessas línguas e a guarda de um imenso patrimônio cultural que somente pela atualização da fala é garantido. As línguas devem antes de tudo continuarem sendo faladas e este novo instrumental, livro, comumente usado para a difusão da escrita, pode ser suporte também para o uso da fala. Esta série procura assim fortalecer os usos orais da língua indígena, abrindo-lhe novos espaços que possam contribuir para sua sobrevivência futura.

Maria Elisa Ladeira

SERIE ORALIDADE

Coleção
Educação
Timbira



COLEÇÃO

SABERES INDÍGENAS
NA ESCOLA
EQUIPE TIMBIRA



VOLUME 8

Este material faz parte da Coleção Educação Timbira dirigido a todas as aldeias dos povos Timbira: Krahô,

Apinajé, Krikati, Apãniekra, Ràmkôkamekra, Pukobjê, Krenjê e KrepýmKatejê.

É uma realização do Projeto Educação e Referência Cultural do CTI – Centro de Trabalho Indigenista em parceria com o Centro Timbira PënXwyj Hêmpejxà

Coordenação: Maria Elisa Ladeira

Contadores da história: Alcides Tepré Apinajé, Georgina Xavita Apinajé na aldeia e Creuza Amnhĩ Kôhi Apinajé no Centro Timbira PënXwyj Hêmpejxà.

Pesquisa e ilustração: Ailton Apinajé, Alexandre de Souza Laranja Apinajé, Allison Dias Apinajé , Carlos Pereira da Silva Apinajé, Edilene de Souza Laranja Apinajé, Eroína Pempxá Apinajé, Irene Maxy Apinajé, Janilda Tamgac Apinajé, Juliana Nhãmxenh Apinajé, Luciano Kunityk Apinajé, Nilda Apinajé, Oscar Wanhmẽ Apinajé, Reginaldo Tep-Kryt Apinajé.

Professores: José Eduardo Ahtorkrã Apinajé, Maria dos Reis Pãxre Apinajé,

Fotos da oficina: Janilda Tamgàk Apinajé, Maria dos Reis Pãxre Apinajé, Oscar Wanhamẽ Apinajé,

Equipe de apoio CTI: Daniela Leme da Fonseca, Elisete Noletto, Helena Ladeira Azanha.

Designer gráfico, diagramação e arte finalização: Adailson Rodrigues Soares

Equipe Timbira (2018) – UFT

Odair Giralдин
Ligia Raquel R. Soares
Maria do Carmo Pereira dos Santos Tito
André Demarchi
Cassiano Sotero Apinagé
Terezinha Amnhàk Apinagé
Maria dos Reis Pandy Apinagé
Alexandre de Sousa Fernandes Apinaje (Zé Cabelo)
Sandro Pëpkrākahi Corredor Apinajé
Juliano Nhĩnô Ribeiro Apinajé
Raimunda Kupêprõ Apinajé
Creuza Prumkwýj Krahô
Isauro Krôkrôk Krahô
Olavo Tepjõpir Krahô

Equipe Timbira (2018) – UFMA

Emilene Leite de Sousa
Diogo Rezende Gomes
Karitania dos Santos Araujo
Claudio José Braga Rocha
Bruno Rocha Gavião
Damásio Belizário
Dana Sousa Gavião
Paulo Belizário Gavião
Jonas Polino Sansão Pynhêh Gavião
Miracema Ropcwij Krikati
Maria Capakwyj Krikati
Francisquinho Tephот Canela
Justino Kenjaven Canela
Ricardo Kapereko Canela
Benedito Roiaka Canela
Piotut Ribeiro
Paulo Thugran Canela

Os povos Timbira (Jê) conhecidos por Krahô, Krikati, Pykobjê, Apànjêkra, Ràmkôkamekra, Apinajé, KrepýmKatejê e Krêjê são ocupantes de uma grande extensão de terras nos cerrados do norte do Tocantins e sul do Maranhão, área colonizada a partir do século XIX por frentes agropastoris. A estes Timbira somam-se os Parakatêjê situados no sul do Pará.

A população Timbira em 2013 era de cerca de nove mil pessoas distribuídas em 52 aldeias e 07 Terras Indígenas . Seus territórios são descontínuos, formando pequenas ilhas com extensões que variam de 50 a 300 mil hectares cercadas por fazendas de gado e de produção de arroz ou soja.

A limitação do território e a escassez da caça fazem com que a agricultura tenha cada vez mais importância, mas os Timbira mantêm-se tradicionalmente como sociedades de caçadores e coletores, cuja forma de ocupação dos campos de cerrado implica uma grande mobilidade e se reflete em sua cultura material. Altamente sofisticadas do ponto de vista da sua organização social, são consideradas “sociedades de festa”, preservando até os dias de hoje, depois de mais de 200 anos de contato com a sociedade nacional, a profusão de seus rituais, a circularidade de suas aldeias, sua organização social e política e o uso da língua Timbira como um sistema vivo e operante.

Segundo o diagnóstico realizado em 2010 pelo Centro Timbira PënXwyj Hêmpejxà existem 46 escolas nas aldeias onde 228 professores atendem a um total de 3.410 alunos.

Nhêp hã mẽ ujarẽnh

História do homem morcego



© Todos os direitos reservados ao povo Apinajé
1ª edição – 1200 exemplares

Nhêp hã mẽ yarênh – História do homem morcego

Povo Apinajé

Brasília: CTI - Centro de Trabalho Indigenista, 2013.

1. Educação Escolar Indígena 2. Índios Apinajé 3. Mitologia Indígena
4. Oralidade

Brasília
SCLN 210 bloco C,
sala 217/218
Brasília, DF
CEP 70862-530
Tel: (61) 3349-7769
Fax: ramal 210

Amazonas
Rua Oswaldo Cruz,
572, sala 06
Bairro Comunicações
Tabatinga, AM
CEP 69640-000
Tel: (97) 3412-3991

São Paulo
Rua Euclides de Andrade,
29, Jardim Vera Cruz
São Paulo, SP
CEP 05030-030
Tel: (11) 2935-7769
Fax: (11) 2935-7769

www.trabalhoindigenista.org.br

Contato: cti@trabalhoindigenista.org.br



Nhêp hã mẽ ujarênh

História do homem morcego

Série Oralidade



SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA
UFG/UFMA/UFT/MEC - SECADI

Nome: _____

Aldeia: _____

Professor: _____

Apresentação - Saberes Indígenas na Escola

A Ação Saberes Indígenas na Escola foi efetivada pelo Ministério da Educação em 2013, considerando-se uma demanda colocada pelos delegados e pelos movimentos indígenas na I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena, ocorrida em 2009.

Ao criar essa ação, objetiva-se provocar a reflexão sobre as práticas pedagógicas nas escolas indígenas visando valorizar os conhecimentos indígenas e os processos próprios de ensino e aprendizagem a serem praticados na educação escolar indígena. Para isso, as Universidades Públicas foram convidadas pelo MEC/SECADI a formarem redes de atuação visando trabalharem na formação continuada dos professores indígenas. Nessa atuação procura-se trabalhar a autonomia dos povos ao priorizar seus processos próprios de ensino-aprendizagem, bem como visa contribuir para que os professores indígenas reflitam sobre a produção de material didático e pedagógico referente ao letramento e alfabetização. Assim, foram criadas várias redes no Brasil, sendo uma delas formada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Federal do Tocantins (UFT). A UFG tem atuado com os povos Akwẽ/Xerente, os Tapuia, os Iny (Karajá, Javaé

e Xambioá), os Tapirapé e os Tenetehar/Guajajara. Já a UFMA (campus de Imperatriz) e a UFT (campus de Porto Nacional, através do Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas - NEAI), tem atuado ambas conjuntamente com os povos Timbira, que formam o Território Etnoeducacional Timbira.

Reconhecemos que a valorização dos conhecimentos tradicionais dos povos Timbira já vem sendo enfatizada desde os anos 1990 pelo Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pinxwÿj Himpejxà - CTEPPH. Esse Centro esta localizado na cidade de Carolina (MA) e foi criado pela Comissão de Professores Timbira juntamente com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Naquele Centro foram realizadas diversas atividades de registro de conhecimentos sobre histórias, narrativas, rituais, cantos, meio ambiente, dentre outros, através das ações desenvolvidas pelo projeto Mëntwajê Cultural, Mëntwajê Ambiental e Mëntwajê Administrativo que eram planejadas e desenvolvidas pela equipe do Programa de Educação e Referência Cultural Timbira. Nessas ações procurava-se colocar os jovens (Mëntwajê) de vários povos Timbira em contato com os anciãos e anciãs para promover essa comunicação entre gerações, visando a transmissão dos conhecimentos ao mesmo tempo que se realizavam os registros. Muitos desses registros tornaram-se materiais didáticos que estão sendo utilizados nas escolas das aldeias Timbira do Tocantins e Maranhão.

Além dessas ações, naquele Centro também aconteceu a experiência da Escola Timbira, que foi o processo formação dos professores Timbira, através da Comissão de Professores, que depois se desdobrou na oferta de Ensino Fundamental (5^a. a 8^a. Séries) para uma turma de jovens, em parceira com as SEDUCs do Tocantins e Maranhão. Esses estudantes tinham em seu conteúdo curricular também os saberes indígenas tradicionais, de tal forma que em todas as etapas de realização do curso, sempre estava presente ao menos um ancião para atuar como conteudista para a turma. As ações aqui destacadas tinham como metodologia, para o processo de formação desses jovens, os preceitos da educação escolar indígena diferenciada e construída constantemente com os povos envolvidos nesse processo. Essas ações se complementaram por um longo tempo e hoje refletem nas aldeias Timbira, pois muitos daqueles que participaram dessas ações são hoje importantes pesquisadores (e vários deles, professores) de seus conhecimentos ou então lideranças em suas aldeias.

Assim, reconhecemos que estamos dando seguimento a uma atividade que já teve experiências exitosas anteriores, às quais devemos reconhecer o devido valor, tê-la como referência e na qual buscamos inspirações sempre que possível.

A Série Oralidade, criada pelo Centro de Trabalho Indigenista - CTI e Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxyj Hëmpejxà - CTEPPH, tem como

proposta a valorização da oralidade, forma tradicional de preservar e transmitir conhecimentos na maioria dos povos indígenas. E a publicação deste material condiz com os objetivos do Saberes Indígenas na Escola, pois além de trabalhar com conhecimentos indígenas e estimular a oralidade, também incentiva a valorização dos conhecedores tradicionais (os mais velhos) com os quais as crianças devem interagir para conhecer melhor as narrativas e também para ampliar seus conhecimentos sobre outras histórias.

Em função disso, optou-se por publicar esse material já produzido dentro da Ação Saberes Indígenas na Escola.

Equipe Timbira – UFT/UFMA

Apresentação - Pënxwyj Hëmpejxà

Este é um livro onde a história é contada sem a escrita.

Por isso, este é um livro para todos lerem, mesmo aqueles que não conhecem as letras da escrita podem saber da história.

Este é um livro onde a história só pode ser contada por quem sabe.

E, tem muitos modos de se contar uma história.

Como tem também muitos modos de se desenhar uma história.

O povo Apinajé aprendeu a fazer o ritual do mēhōkrepoj rūmti com o Kupē Nhêp, por isso nós professores, estudantes e lideranças resolvemos contar a história do Kupē Nhêp que o sr.Alcides Tepré começou a relatar na aldeia para os netos em 2012. Dedicamos esta história a todo povo Apinajé e ao sr.Alcides Tepré que faleceu no início deste ano de 2013. Grande cantador do mēhōkrepoj rūmti quis deixar esta história para todos nós não esquecermos quem foi que ensinou o povo Apinajé.

E assim os livros podem ser trocados entre as pessoas da aldeia e muitas histórias poderão ser contadas e lembradas. E, depois estas histórias podem virar novos livros e circular entre todas as aldeias Apinajé.

Aproveitem.

Maria Elisa Ladeira

Py'kin



Nhêp hã mẽ ujarênh

Nós, professores, estudantes e lideranças Apinajé estamos aqui no Centro Timbira Pênxwyj Hêmpejxà e resolvemos dar continuidade a história do Kupê Nhêp que o sr. Alcides Tepré começou a relatar para os netos na aldeia em 2012. Portanto pensamos e decidimos registrar pelo desenho a história do Kupê Nhêp. Dedicamos este livro a todo povo Apinajé e ao sr. Alcides Tepré que faleceu no início deste ano e que era um grande cantador do mēhōkrepoj rūmti, que foi ensinado para nós pelo Kupê Nhêp.

Esta é a história.

Mẽ ixpê Kagà jakre xwýnh nẽ mẽ nyw nẽ mēkàrejaja pa mẽ kupê nhêp hã mẽ ujarênh já hatuxâm kumẽ pinmxwýj hemejxà kamã pa mẽ hipêx pa mẽ pigêt hõ pẽ tepreý kot Kupê nhêp jarênh nhũm tàmnhwýjaja kot hã karõ ta nhĩpêx tyk xwýjri kot kupê nhêp jarênh.

Fotos tiradas no Centro Pënxwyj Hëmpejxà. Maio de 2013.





Nhêp hã mẽ ujarênh

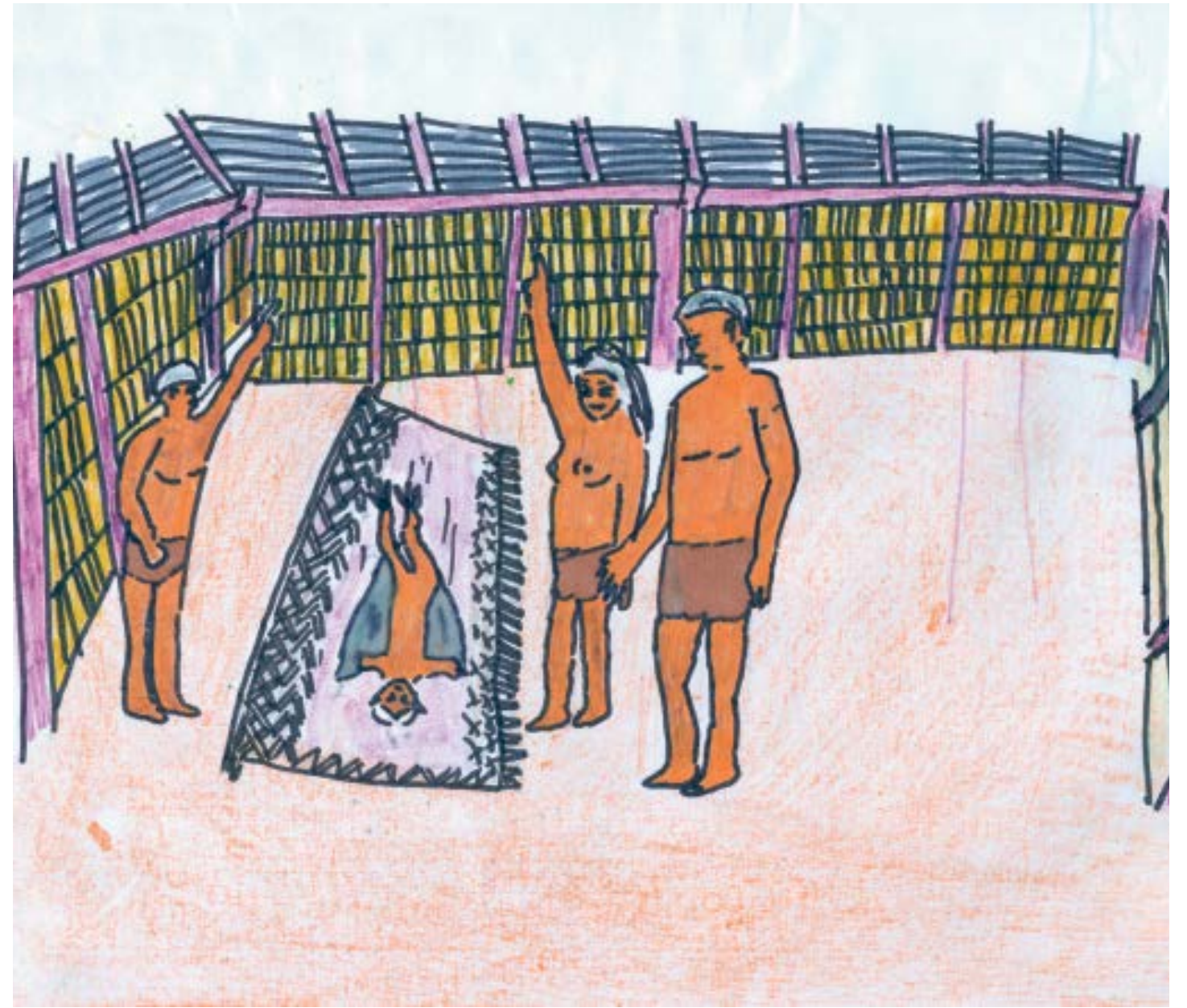
História do homem morcego



















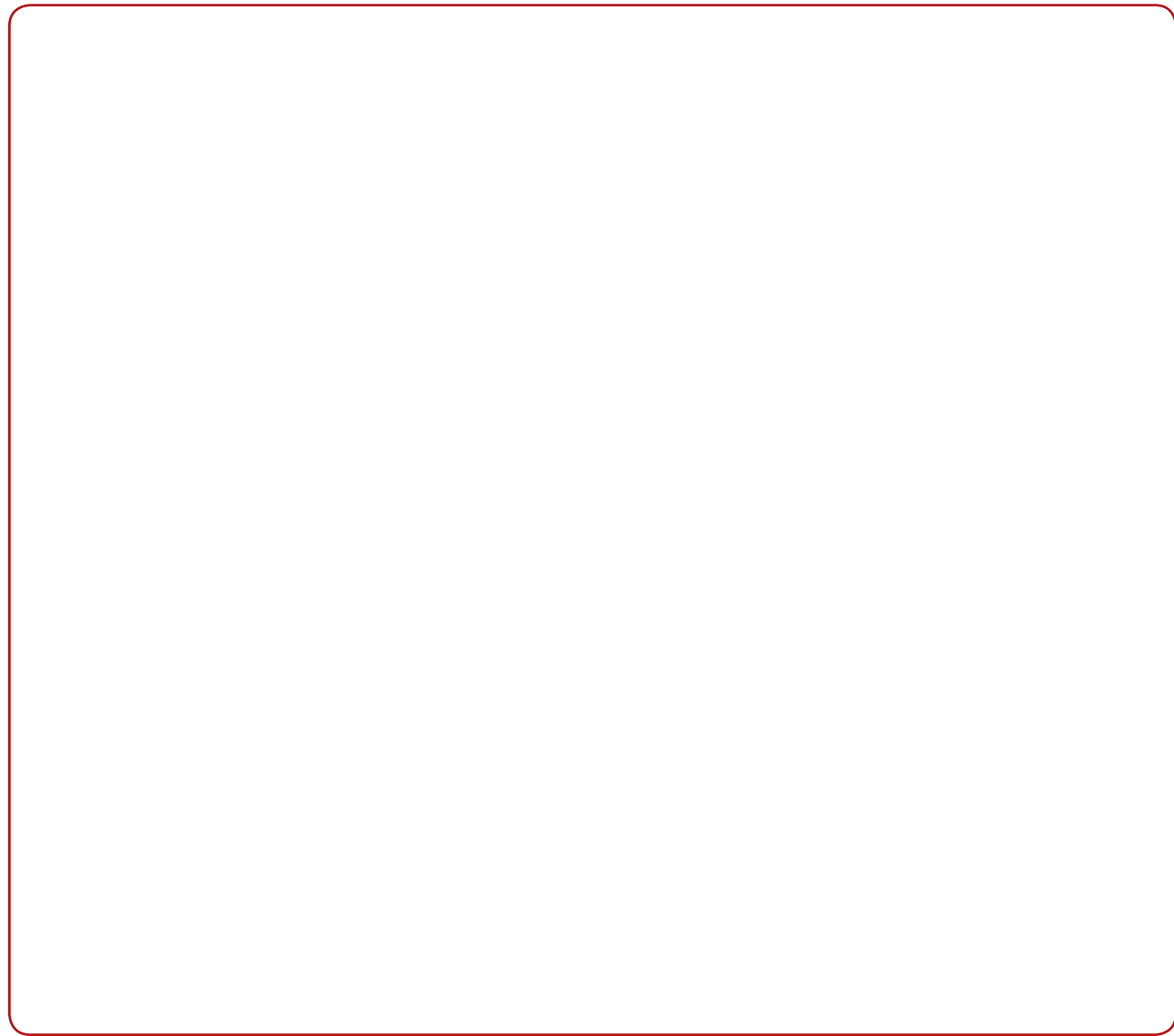
Agora você vai fazer o seu livro. Peça para os mais velhos contarem outras histórias. Escute com atenção e depois use as páginas em branco para desenhar a história que você mais gostou.

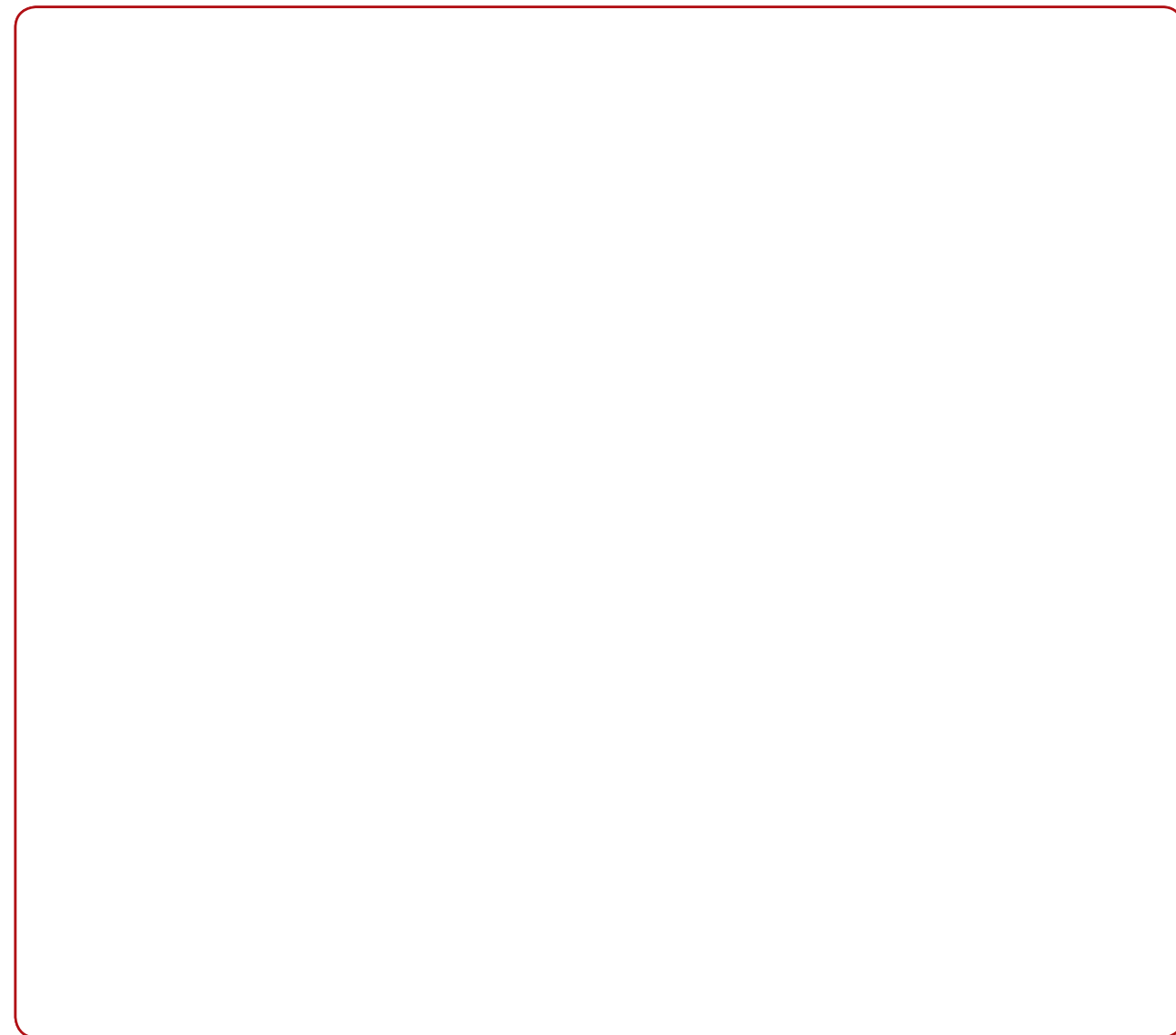
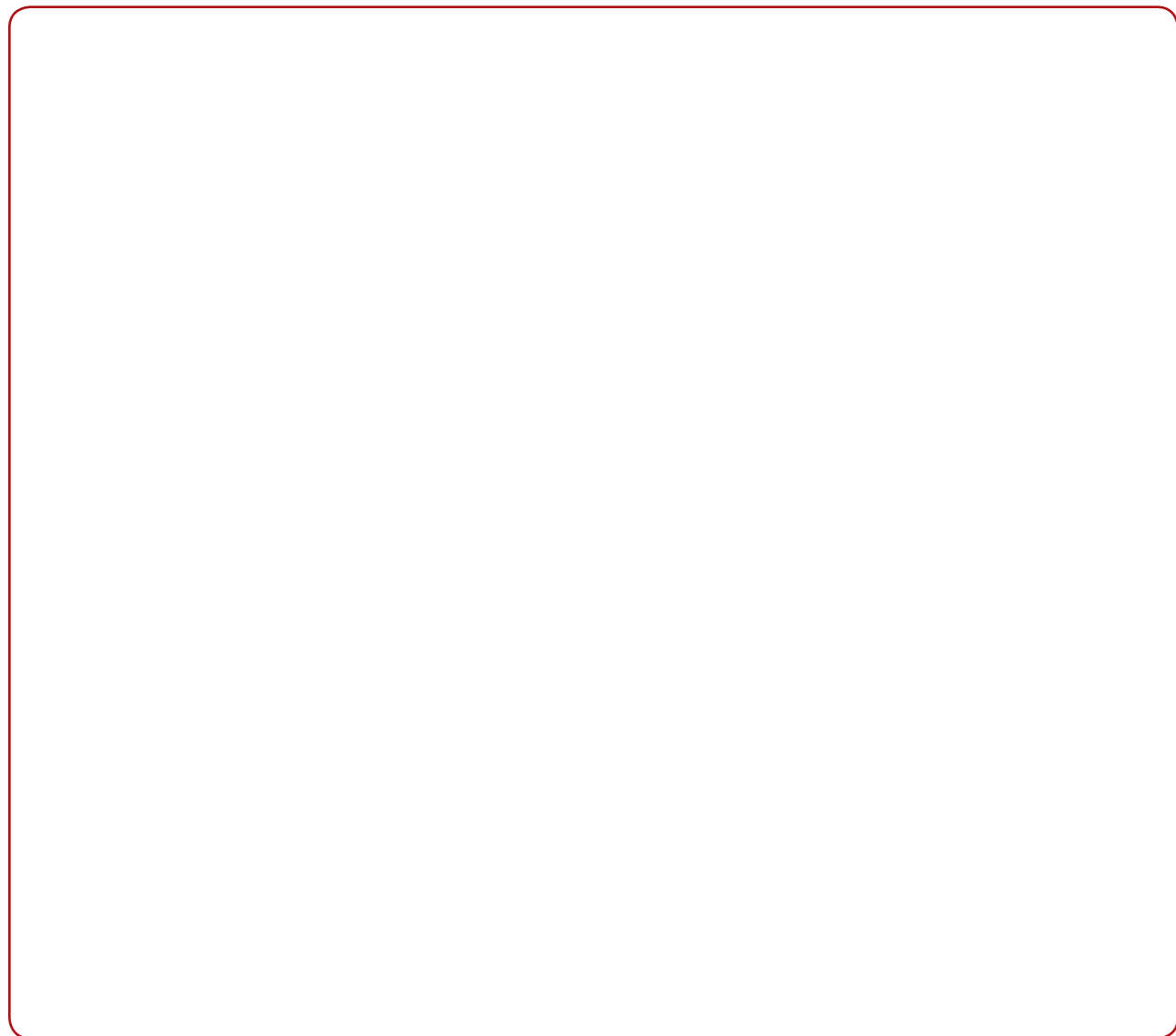
Nome da história pesquisada: _____

Nome e aldeia do contador de história: _____

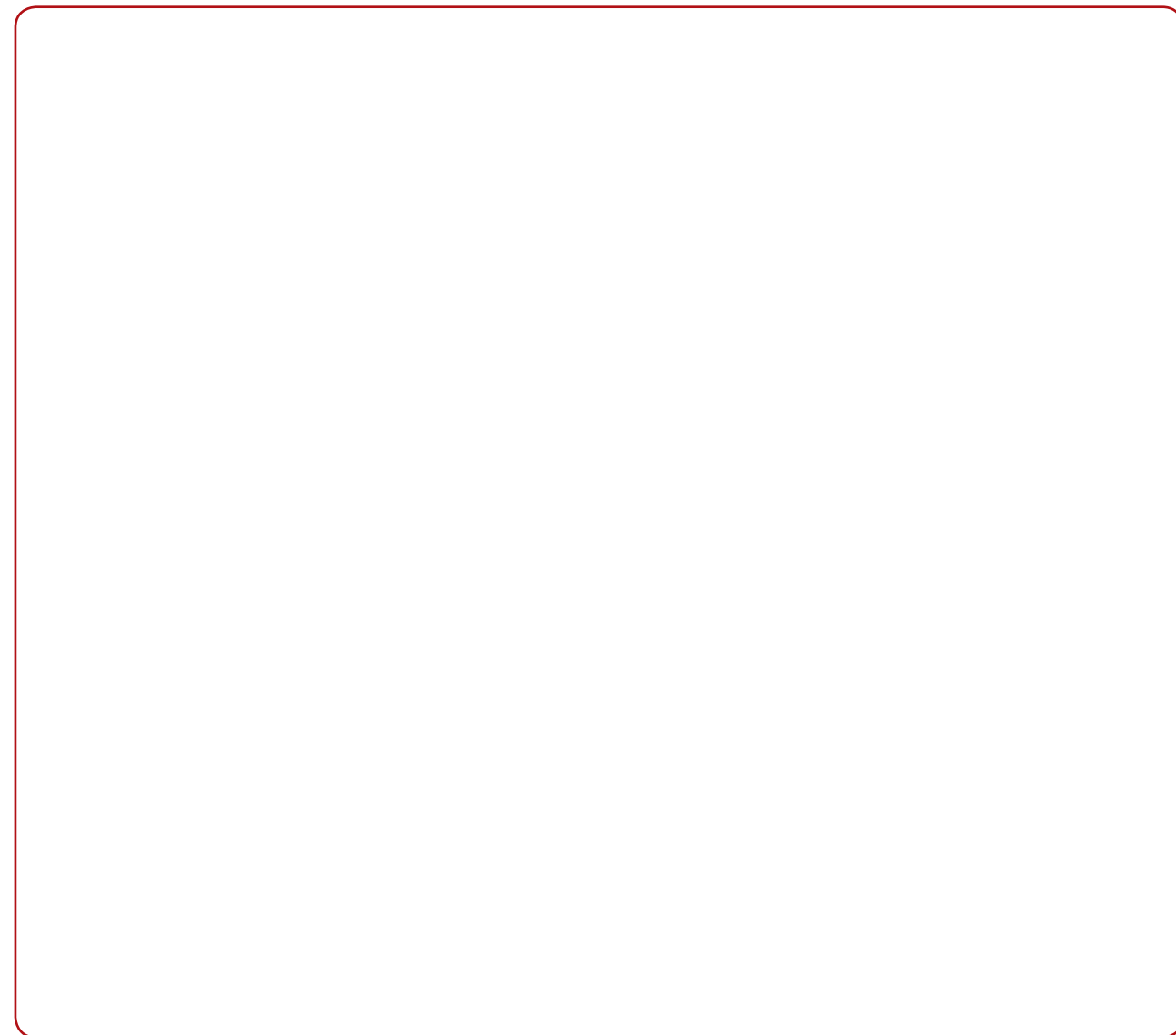
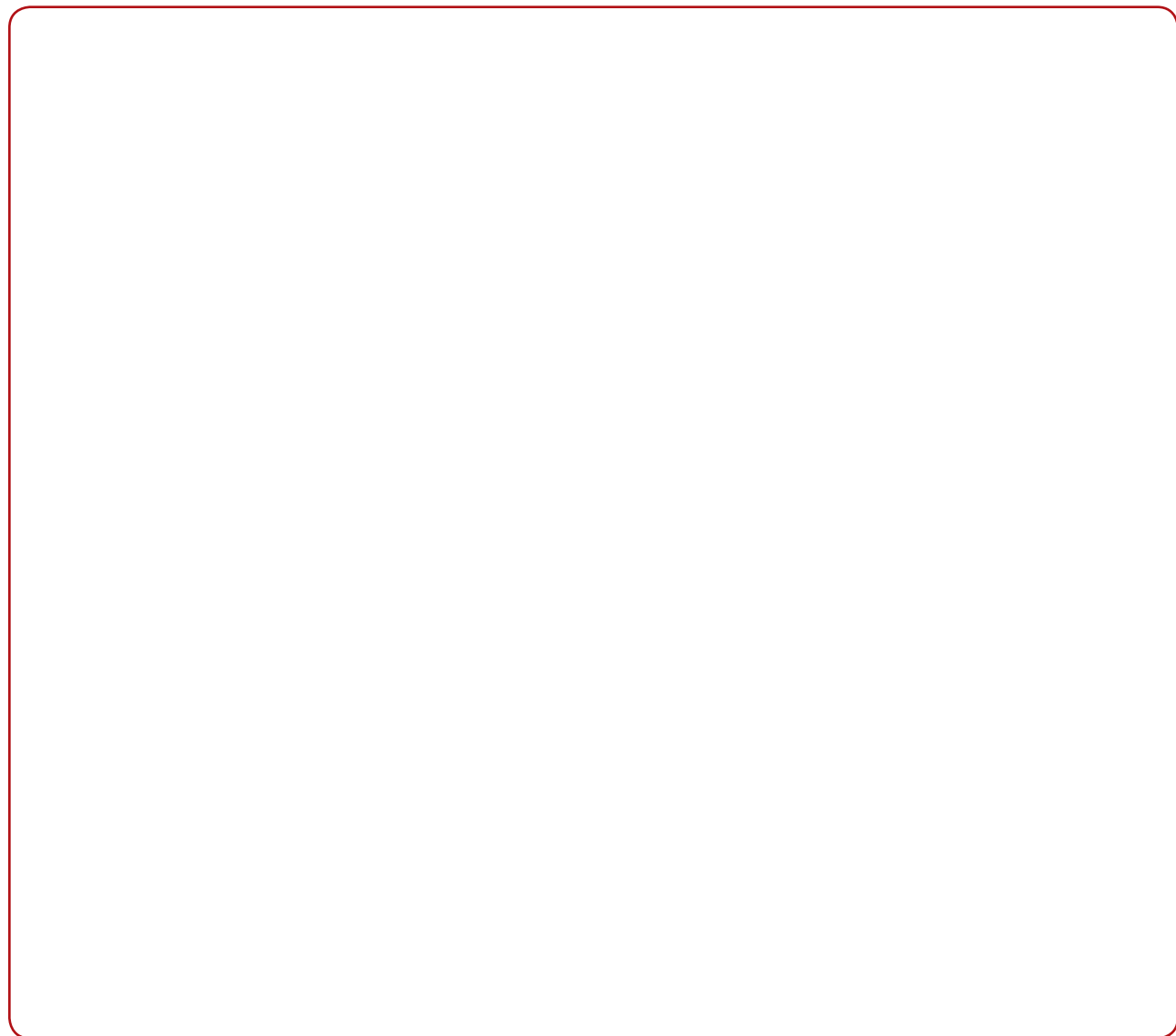
Nome de quem ajudou com os desenhos: _____











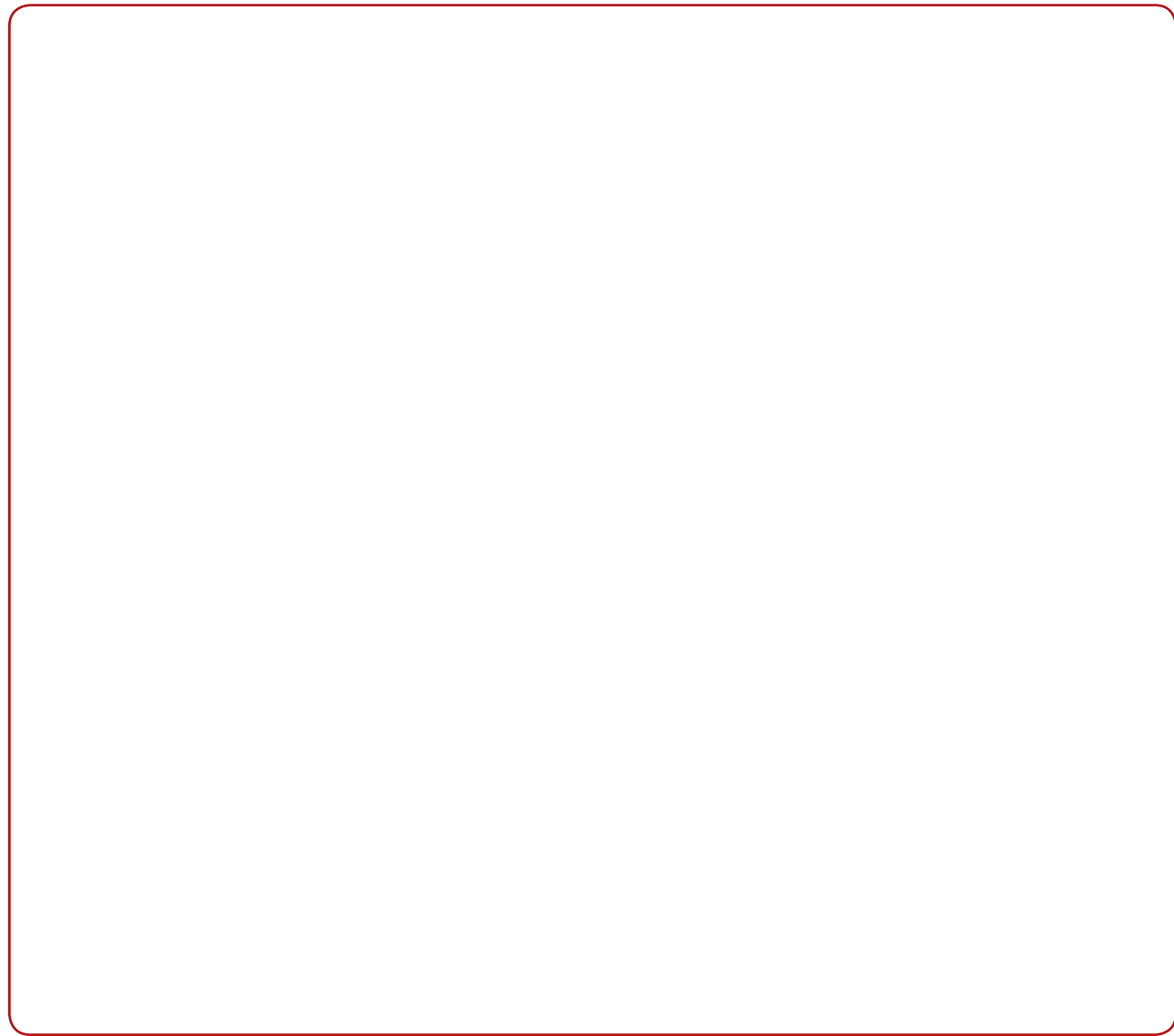
















Esta obra
Composta em Bookman Old Style, Gill Sans MT e Times New Roman,
foi impressa com miolo em papel Couché 115g/m² e Off-Set 75g/m²
na gráfica EGB com capa em Cartão Supremo.

2013 © Todos os direitos reservados.